

DENÚNCIAS SÓCIO-POLÍTICAS PRESENTES NO DISCURSO DE CRÔNICAS MACHADIANAS

Clodoaldo Sanches Fofano (UENF)

clodoaldosanches@yahoo.com.br

Eliana Crispim França Luquetti (UENF)

elinafff@gmail.com

Raquel França Freitas (UENF)

raquelfreitas@hotmail.com

Sonia Maria da Fonseca Souza (UENF)

sonifon1@hotmail.com

Vyvian França Souza Gomes (UENF)

vyvi46@hotmail.com

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo analisar o discurso de crônicas políticas machadianas, que, de maneira implícita, apresentam denúncias sócio-políticas. Assim, o *corpus* desta pesquisa privilegiado para apreciação se constituiu de três crônicas. Na primeira, o autor desperta o leitor para a importância desse gênero, pois Machado esperava que seus textos mexessem com a estrutura social de sua época através de denúncias. Já na segunda, o literato de forma ficcional denuncia as injustiças sociais contra os escravos, mesmo depois da abolição. Enquanto que na terceira, Machado se encontra indignado com a problemática que ocupava os jornais e deixa de lado outros problemas que também mereciam atenção. Dessa maneira, construíram-se as análises propostas por meio da Análise do Discurso de filiação francesa (ADF). Para isso, realizou-se uma pesquisa bibliográfica de base qualitativa, histórica e documental, ao considerar as contribuições de teórico que sustentam a temática abordada. Por fim, inferiu-se que Joaquim Maria Machado de Assis utilizou a linguagem com grande habilidade, de maneira que ultrapassasse os limites da censura, sem perder de vista o que pretendia denunciar. Portanto, cabe ressaltar que nos momentos em que o literato era obrigado a interromper seu discurso, ainda assim, seu silêncio não representava ausência de comunicação. Então, mesmo diante da imposição do silêncio pela censura, o discurso machadiano ecoava denúncias sociais.

Palavras-chave:

Discurso. Crônicas machadianas. Denúncias sócio-políticas.

1. Introdução

“[...] o sentido das palavras não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daquele que as empregam. Elas ‘tiram’ seu sentido dessas posições, isto

é, em relação às formas ideológicas nas quais essas posições se inscrevem." (ORLANDI, 1999, p. 43)

O leitor ao fazer uma análise inferencial das crônicas políticas machadianas, pertencentes à segunda metade do século XIX, percebe pela construção de sentidos que tais narrativas contêm de forma implícita denúncias sócio-políticas que podem ser constatadas por elementos discursivos. Para o cronista o desejo de justiça sempre foi maior do que as opressões da censura, sendo assim, as palavras eclodiam, sem levar em conta a repreensão e sim o desejo de uma sociedade mais humanitária na qual as pessoas não fossem tratadas como bichos, mas como cidadãos constituídos de direitos e não somente deveres.

A ADF como prática discursiva é um campo da linguística e da comunicação especializada em analisar construções ideológicas presentes em um texto. Por meio dessa teoria é que se vai examinar as crônicas em estudo como gênero textual discursivo que retrata fatos do cotidiano e também apresentam como característica ser espelho da realidade. Para tanto, utilizar-se-á como instrumentos para a compreensão discursiva o contexto histórico e o intertexto.

Assim, pretende-se, nesta pesquisa, analisar o discurso de crônicas políticas machadianas que de maneira implícita revelam denúncias sócio-políticas, com a intenção de responder à seguinte questão-problema: De que modo Machado de Assis utilizou crônicas como instrumento de denúncias sócio-políticas? Essa análise traz consigo como objetivo geral refletir sobre denúncias sócio-políticas machadianas presentes em crônicas políticas pertencentes ao final do século XIX. Já como objetivos específicos foi necessário: 1) Discutir a prática de análise escolhida para avaliação das crônicas em estudo. 2) Expor as análises discursivas de um *corpus* composto por três crônicas machadianas.

A justificativa desta pesquisa evidencia-se na importância das análises propostas que servirão de referências para que o leitor possa perceber que Machado de Assis, nunca foi omissivo, nem passivo frente às injustiças sociais do seu tempo. Portanto, fez denúncias sócio-políticas dentro de um cenário de grandes conflitos sociais, por isso ser reconhecido como homem do seu tempo e do seu espaço. Já a metodologia utilizada para este estudo é a pesquisa bibliográfica de base qualitativa, de cunho histórico e documental que se constitui do acervo bibliográfico científico de contribuições sobre o determinado tema. De posse desse materi-

al, são estabelecidas considerações que corroboram com as ideias em discussão.

Duas seções compõem o desenvolvimento deste artigo. A primeira discute a prática de análise escolhida para avaliar as crônicas. Sendo assim, na análise discursiva o foco principal é o discurso e seus instrumentos que contribuem para a construção discursiva. Então, a partir de elementos discursivos é que vão ser feitas as avaliações de crônicas políticas machadianas. A segunda constitui o *corpus* desta pesquisa privilegiado para avaliação que se constituiu de três crônicas. Na primeira, o autor desperta o leitor para a importância desse gênero, pois Machado esperava que seus textos mexessem com a estrutura social de sua época através de denúncias. Na segunda, o literato de forma ficcional denuncia as injustiças sociais contra os escravos, mesmo depois da abolição. Enquanto que na terceira, Machado se encontra indignado com a problemática que ocupava os jornais e deixa de lado outros problemas que também mereciam atenção.

2. Prática de análise

A proposta aqui não se trata de uma análise literária, onde primordialmente se leva em conta aspectos formalistas, de maneira que se olha apenas o plano estético, aquilo que está escrito; ou estruturalistas, ao dividir as partes para compreensão de um todo, onde se leva em conta narrador, personagens, enredo, tempo, espaço; ou ainda pós-estruturalista, tentando dar conta do que o estruturalismo não consegue explicar, aquilo que transborda, assim, leva-se em conta a desconstrução, morte do autor, estética da recepção, crítica histórica, crítica biográfica, relações intertextuais e semiótica. Portanto, a proposta de apreciação apresentada é discursiva, na qual todas essas teorias não são dispensadas, contudo não será o foco principal para a construção das análises.

2.1. Análise discursiva de crônicas machadianas

Na análise discursiva o primordial é o discurso e seus instrumentos que contribuem para a construção discursiva. Na concepção de Orlandi (1999, p. 21), discurso: “[...] não se trata de transmissão de informação apenas, pois no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeito e sentido afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentido e não me-

ramente transmissão de informação”. Então, a partir de elementos discursivos é que vão ser feitas as avaliações de crônicas políticas machadianas. Por meio da ADF como prática, campo da linguística e da comunicação especializada em analisar construções ideológicas presentes em um texto, é que se vai examinar as crônicas em estudo como gênero textual discursivo que retrata fatos do cotidiano e também apresentam como característica ser espelho da realidade. Para tanto, utilizar-se-á como instrumentos para a compreensão discursiva o contexto histórico e o intertexto, por meio de diálogos entre textos. Nesse sentido, o discurso faz parte de uma prática social. Portanto, todo discurso é uma construção social e não individual e que só pode ser compreendido ao considerar seu contexto histórico discursivo, pois é no contexto que se encontrará um conjunto de informações que auxiliará a apreciação discursiva. Nesse sentido, o contexto é um dos principais elementos de coesão textual. De acordo com Orlandi,

[...] inclui tanto os fatores da situação imediata (contexto de situação no sentido escrito) como os fatores do contexto sócio-histórico e ideológico (contexto da situação no sentido lato) [...] o contexto de situação (ou situação imediata de comunicação ou situação de enunciação) é aquela situação mais bem definida de interação comunicativa. (ORLANDI, 1987, p. 30-1)

Há um consenso sobre a noção de contexto, no qual se verifica que não é possível considerar as unidades linguísticas isoladas, mas em agrupamentos, em combinação, funcionamento com outros elementos, já que não há discurso efetivo fora de contexto. Esse fator é evidenciado quando se faz leitura e apreciação de crônicas, um gênero discursivo que tem relação com o cotidiano, assim, qualquer análise desse gênero que não leve em consideração o seu contexto produzirá uma apreciação descontextualizado.

Desse modo, contexto é a situação histórico-social de um discurso, envolvendo não somente as instituições humanas, como ainda outros textos que sejam produzidos em volta e com ele se relacionem. Logo, no discurso ocorre à adesão, a captação do que é dito em um outro discurso, com algumas modalizações, ou seja, uma retomada por motivos diferentes. Contudo, não se pode negar que todo discurso ao ser elaborado é a partir de outro discurso já existente. É dessa forma também que esses discursos, de mais ou menos domínio público, revelam um pouco da habilidade do produtor articular a linguagem, de se utilizar dela com grande desenvoltura para conseguir os efeitos estilísticos desejados.

Machado de Assis em suas crônicas fez uso de tal recurso. Para tanto, utilizou-se de vários discursos, mas principalmente dos que faziam referência a Bíblia numa relação intertextual. Ingedore Koch, quando cita Barthes (1974), destaca: “O texto distribui a língua. Uma das suas vias dessa construção é a de permutar textos a fragmentos de textos, que existiriam ou existem ao redor do texto considerado, e, por fim, dentro dele mesmo; todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variados, sob formas mais ou menos reconhecíveis” (KOCH, 2008, p. 59).

Dessa maneira, o referido cronista revelou ser um leitor das Escrituras, era livro dele de cabeceira, até porque a religião predominante na época era de matriz cristã, apesar do literato ser anticlerical por influência do estilo literário que seguia: o Realismo. Por outro lado, no campo da recepção, conhecer o discurso de partida possibilita ao receptor perceber esse jogo e ter uma compreensão melhor do discurso produzido, mas isso não significa dizer que ele não será capaz de entendê-lo caso não reconheça o discurso de partida.

A história da crônica no Brasil se confunde com a própria trajetória do jornalismo contemporâneo. Com objetivo de entretenimento, de um modo geral, ela começou a consolidar-se no país em meados do século XIX e desde então tornou-se um gênero quase obrigatório para os jornais brasileiros. Portanto, Machado de Assis foi um dos principais fundadores da crônica moderna. Um escritor que se valeu da crônica durante quatro décadas, escreveu-as e publicou em jornais. Divulgou também em jornal poemas e romances em capítulos. O literato escrevia suas crônicas sob pseudônimos. Não obstante, só 40 anos após sua morte é que se descobriu o verdadeiro autor das crônicas de *Lélio*.

Para descobrir os variados registros discursivos na crônica, deve-se fazer uma leitura de apreciação, que junto com outros elementos importantes para completude discursiva, possibilita uma interpretação global, que conduz o leitor a uma determinada visão de mundo. Essa leitura crítica proporcionará valorização da crônica, na medida em que o leitor descobre sua significação. Dessa forma, apesar do texto jornalístico na modernidade apresentar uma linguagem objetiva, a crônica, entretanto, desde seu nascimento possui uma linguagem subjetiva. E é dentro dessa subjetividade que está a ideologia que o sujeito discursivo quer comunicar com seu interlocutor. Portanto, a linguagem se torna um código ideológico. Para Fiorin:

A esse conjunto de ideias, a essas representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros é o que comumente se chama ideologia. Como ela é elaborada a partir das formas fenomênicas da realidade, que oculta a essência da ordem social, a ideologia é “falsa consciência”. (FIORIN, 1993, p. 28)

Essa intangibilidade, que não é característica dos textos jornalísticos, é uma das particularidades marcantes da crônica. Assim, por meio do foco narrativo em primeira pessoa, o narrador estabelece um diálogo com o interlocutor ao apresentar denúncias da realidade de uma sociedade oprimida e marginalizada inferida a partir da prática discursiva. Para isso, o cronista utiliza a palavra escrita, com carga semântica subjetiva. É essa magia latente que torna a crônica um texto sugestivo para a Análise do Discurso (AD), possibilitando uma apreciação mais abrangente. Logo, as palavras falam com as outras palavras, toda palavra é sempre parte de um discurso, ou seja, as palavras recebem seus sentidos de formação discursiva em suas relações.

Sobre o referido autor, ressalta Moura (2007, p. 33): “Machado de Assis desenvolveu uma brilhante carreira, embora suas origens pudessem conduzi-lo à condição marginal na sociedade, o que, na verdade, não ocorreu”. Assim, pela peculiaridade de sua criação literária, Machado estava, de acordo com Resende, (1992, p. 420): “voltado para a elite intelectual do país, que era esse ‘mar de analfabetos’”. Desse modo, pode-se afirmar-se que autoria do literato cria um clima de cumplicidade com o leitor. Destarte, o referido cronista assumiu a missão civilizadora de autoria no período de urbanização do Rio de Janeiro Imperial, ainda assentado sobre a barbárie da escravidão. Assim, Arnaldo Niskier citado por Moura (2007, p. 34) adverte “Machado de Assis ensinou o Brasil a ser ele mesmo através de seu olhar de compaixão, de tranquila ironia e quase sempre largo entendimento”.

No conjunto de suas seiscentas crônicas, Machado de Assis traça o perfil do Rio de Janeiro, no Segundo Império e início da República, um período no qual o país vivia a segunda fase da Revolução Industrial, surgimento de grandes complexos industriais. Por outro lado, a massa operária urbana se avolumava, formando uma população marginalizada que não partilhava os benefícios gerados pelo progresso industrial, todavia pelo contrário, foi explorada e sujeita a condições subumanas de trabalho. Nesse sentido, constata-se que o Brasil vivia profundas mudanças no plano econômico, político-social; a Campanha Abolicionista intensificou a partir de 1850; a Guerra do Paraguai (1864/70) teve como consequência o pensamento republicano – o Partido Republicano foi fundado no

ano em que findou essa guerra; a Monarquia, representada por D. Pedro II, no poder a 40 anos sofreu uma decadência.

A Lei Áurea não resolveu o problema dos negros, porém criou uma nova realidade na qual a mão-de-obra escrava foi substituída pela mão de obra assalariada, representada pelas levas de imigrantes europeus que vinham trabalhar na lavoura cafeeira, tendo início uma economia voltada para o mercado externo e por sua vez, livre da estrutura colonialista. Portanto, é dentro desse cenário conturbado que Machado de Assis publica suas crônicas, nas décadas de 60, 70, 80 e 90 do século XIX. Evidência Brayner:

Durante quarenta anos, desde a década de 1860, escreveu crônicas: por ordem cronológica, no *Diário do Rio de Janeiro* e mais tarde na *Semana Ilustrada* (1860-75), em *O Futuro* (1876-78), em *O Cruzeiro* (1878) e, a partir de 1883 até 1897, na *Gazeta de Notícias*, inscritas sob vários títulos – ‘Balas de estado’ (Lélio), ‘A + B’ (João das Regras), ‘*Gazeta de Holanda*’ (Malvólio), ‘*Bons dias*’ (Boas Noites) até sua perfeita e final feição de crônicas em ‘*A Semana*’, sem assinatura, entre 1892 e 97. (BRAYNER, 1992, p. 407)

As temáticas desenvolvidas por Machado no período tratam de arte, de literatura, de teatro, de política, do cotidiano da cidade do Rio de Janeiro, de tipos característicos do período, de fatos históricos relevantes nacionais e internacionais, bem como de pessoas ilustres da época em diversos seguimentos sociais. A vida e a obra de Machado de Assis se entrelaçaram intimamente com o crescimento e consolidação de uma nova classe social em um Brasil em transição: a burguesia.

3. Análises discursivas de um corpus composto por três crônicas machadianas⁹

Do conjunto de produção de Machado de Assis se privilegiará três crônicas políticas do autor, todas escolhidas em diferentes décadas, que constituirão o *corpus* de análise, de maneira que ressalte aspectos marcantes de sua produção discursiva. Elas foram escolhidas ao levar em consideração diferentes momentos para que se pudesse ter uma visão de diversos acontecimentos históricos e de que maneira o discurso das crônicas selecionadas evidenciam as denúncias sócio-políticas.

⁹ Cabe ressaltar que estas análises privilegiaram apenas alguns fragmentos das crônicas selecionadas para o *corpus*. Entretanto, o texto completo delas se encontra em: Cf. ASSIS, Machado. *Obra Completa*. Disponível em: <encurtador.com.br/DLV02>. Acesso em: 10 de ago. 2019.

3.1. *Histórias de 15 anos – 1º de novembro de 1877*

Nessa crônica, que faz parte do conjunto dos textos reunidos sob título “História dos Quinze Anos”, datada de 1º de novembro de 1877, Machado de Assis aborda o folhetim/crônica, gênero que na ocasião constituía uma produção textual inovadora, registrado em um espaço intitulado variedades.

O texto em estudo inicia com o cronista interagindo de forma dialógica com seu interlocutor, na tentativa de demonstrar como se escreve uma crônica. De igual modo, o literato introduz em seu texto a ideia de que o demonstrado para construção dessa produção literária é “um meio certo” e trivial. Assim, esses dois adjetivos podem ser substituídos pelos sinônimos seguro e simples: “Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade” (ASSIS, 1877).

No fragmento supracitado, o narrador revela para o leitor que não há erro se seguir os passos que serão apresentados. Isso se evidencia pela expressão “um meio certo”, que com certeza contribui para manipular e convencer seu interlocutor desse fato. Machado sabia muito bem como usar da linguagem para convencer o leitor, isso porque um discurso dominante serve para mudar o comportamento das pessoas. Evidencia Fiorin:

A linguagem tem influência também sobre os comportamentos do homem. O discurso transmitido contém em si, como parte da visão de mundo que veicula, um sistema de valores, isto é, estereótipos dos comportamentos humanos que são valorizados positivamente ou negativamente. Ela veicula os tabus comportamentais. (FIORIN, 1993, p. 55)

Em seguida, o literato apresenta os passos, uma “receita de bolo”:

Que calor! que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjecturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, *ela glâce est rompue*; está começada a crônica. (ASSIS, 1877)

Na “receita” o narrador sugere diversas maneiras de se buscar assuntos que podem valer como pré-texto para se iniciar uma crônica. Interessante que quase todos os temas estão relacionados com questões climáticas, doença devastadora para época e no último destaca: “manda-se um suspiro a Petrópolis”. Cidade onde estava localizada a moradia de verão da Família Real e que o clima é ameno. Com certeza qualquer desses assuntos chamaria muito a atenção do público leitor, principalmente

quando utilizados dentro de uma linguagem cheia de signos e símbolos. Além disso, pode-se pensar ainda que seria uma forma de Machado de Assis demonstrar para o leitor que a crônica nasce de uma ocorrência simples do cotidiano, sem que o cronista fique sofrendo para encontrar um fato para construir uma narrativa sobre ele.

Como ressalta Brayner (1992, p. 413): “Machado recolhe as notícias e, como em um ‘panorama visual’ em moda na segunda metade do século, dá-lhes um enquadramento de significação”. Ainda a mesma autora elucidada:

Dentro desse mosaico da historicidade, o leitor e o autor são capazes de reescrever, graças aos ardis do texto e de seus novos ritmos, aquela oralidade aparentemente condenada às conversas de confeitaria, esquinhas, saraus, teatros. E os assuntos “nobre” – política, administração do império, fatos internacionais – democratizam-se, agora redistribuídos pela voz do cronista desatento às hierarquias sociais. (BRAYNER, 1992, p. 414)

Assim sendo, no início da crônica, o literato volta a falar de calor: “Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas” (ASSIS, 1877). Talvez o vocábulo “calor” fosse usado por Machado com outro sentido. Igualmente, nesse contexto ele é usado com valor conotativo. Com essas citações, construídas a partir de relações intertextuais com a Bíblia, Machado de Assis quis mostrar para o leitor como eram as situações calorosas que ele se referia.

Para isso cita o livro de Gênesis, o episódio em que Deus criou o homem e a mulher e os colocou no jardim do Éden. Em relação ao Adão, o cronista declara que na época dele o calor era menor, a temperatura era “mediana”, provavelmente porque nesse momento da narrativa bíblica o pecado não tinha seduzido o coração do homem. Assim, pode ser que não houvesse ainda situações calorosas quando o homem esteve no Éden, segundo Machado de Assis.

Na crônica, chega-se a pensar em calor como agito, confusão, fruto de alguma insatisfação governamental por parte da classe burguesa. Dessa maneira, o cronista faz uso desse artifício para poder maquiar a linguagem e deixar que o interlocutor faça inferências, compreendendo aquilo que está no implícito e que ele pretende dizer. Adverte Orlandi:

Quando se lê, considera-se não apenas o que está dito, mas também o que está implícito: aquilo que não está dito e que também está significando. E o que não está dito pode ser de várias naturezas: o que está suposto para que se entenda o que está dito; aquilo a que o que está dito se opõe; outras maneiras diferentes de dizer o que se disse e que significa com nuances distintas etc. (ORLANDI, 2008, p. 11)

Essa leitura sugerida toma forma e se configura quando o literato citou na crônica em estudo os patriarcas como se fosse uma lista enumerada e disse que naquela época, “antes mesmo de Noé”, já havia calor e crônica. Um estudioso das Escritas Sagradas sabe que antes mesmo de Noé já existiam conflitos e lutas de poder. Assim, no tempo de Noé, Deus mandou o dilúvio devido à tamanha corrupção que estava sobre a terra. Portanto, essas crônicas serviriam para fazer o povo refletir, despertar para as situações “calorosas” em que vivia.

Para tanto, Machado de Assis fez uso de situações intertextuais relacionadas à Bíblia porque o público leitor dele era constituído de pessoas inseridas dentro de um contexto discursivo religioso que por certo construiriam significação pretendida pelo literato, fazendo uso do que foi dito e do que não foi dito. Orlandi salienta: “é isto o efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico se apague na memória em um momento particular, para que, passando para o anonimato, possa fazer sentido em ‘minhas’ palavras” (ORLANDI, 1999, p. 33-3).

Como se observa, Machado de Assis foi um escritor de “*metacrônicas*” jornalísticas. Cabe destacar que existe uma ideologia presente por trás de tudo isso. O porquê dessa frequente atividade é difícil de explicar, o que se tem são suposições. Sendo assim, Teixeira (2002) declara que essa insistência em tratar de tal tema é fruto de uma necessidade da época, pois é provável que os intelectuais discutissem esse atrativo para vendas e público, até porque foi um momento em que se principiava a formação do público leitor brasileiro.

Assim, percebe-se a influência do contexto histórico discursivo, exigindo a discussão de uma temática específica a fim de que a crônica como gênero textual pudesse ser mais valorizada pelo público leitor. Para se chegar a tal compreensão foi preciso conhecer um pouco do contexto histórico discursivo que envolve a crônica em estudo. Sobre a importância de tal elemento discursivo, Malinowski ao corroborar com Koch alega:

Um enunciado só se torna inteligível quando colocado dentro de seu contexto de situação, se me é permitido cunhar uma expressão que indique, por outro lado, que a concepção de contexto precisa ser ampliada e, por outro, que a situação em que as palavras são usadas jamais poderá ser descartada como irrelevante para a expressão linguística. Podemos ver o quanto à noção de contexto necessita ser substancialmente ampliada se quisermos que ela tenha plena utilidade. De fato, ela deve ultrapassar os limites da mera linguística e ser alcançada à análise das condições gerais sob as quais uma língua é falada. (KOCH, 2003, p. 21)

Essa passagem faz todo sentido, principalmente quando se leva em consideração análises de crônicas, que é um gênero textual com forte envolvimento com situações cotidianas. Por isso, então, a necessidade de valorizar o contexto em que as crônicas foram escritas. Mas também, outro motivo, ainda na opinião de Teixeira (2002), seria uma tentativa intencional de criar um elo de aproximação com o interlocutor, ao fingir compartilhar com ele a dificuldade que permeia o dia a dia de um cronista. Dessa forma, essas duas suposições teriam por objetivo levar o interlocutor a dar maior importância e respeito esse gênero textual, já que Machado compreendia que estima e respeito a esse gênero seriam ferramentas fundamentais para levá-lo a se tornar dominante, e conseqüentemente a interferir no comportamento dos homens. Como evidencia Fiorin:

A linguagem tem influência também sobre os comportamentos do homem. O discurso transmitido contém em si, como parte da visão de mundo que veicula, um sistema de valores, isto é, estereótipos dos comportamentos humanos que são valorizados positivamente ou negativamente. Ela veicula os tabus comportamentais. (FIORIN, 1993, p. 55)

De tal modo, deve-se considerar que Machado pretendia, pela sua construção discursiva, fazer com que o povo se interessasse pelas lutas políticas de seu tempo e tentasse de alguma forma intervir com o objetivo de diminuir as injustiças sociais. Portanto, a crônica seria um texto de denúncias sociais.

3.2. *Bons dias!* – 19 de maio de 1888

O tema da crônica de Machado de Assis, publicada na Gazeta de Notícias, em 19 de maio de 1888, representa o clima dominante no Brasil do período Pré-Abolicionista.

Por intermédio do título “Bons Dias!” o narrador começa um diálogo com o interlocutor de uma forma cortês. Um início de conversa que a todo o momento parece ameaçado de se romper. Assim, ele compartilha as próprias opiniões políticas. Logo, Machado faz uso da história narrada nessa crônica como desculpa para discutir sobre a abolição, tema em voga.

O texto inicia com um fragmento no qual o narrador declara que vem de uma “família de profetas”. Esse vocábulo é muito utilizado na Bíblia, tanto no Novo Testamento quanto no Antigo Testamento, para se referir a alguém que fazia previsões do futuro. No hebraico (*nabi*) e no

grego (*profetes*). Como sinônimo desse termo também se utilizava à palavra *vidente*. Além dessa característica do profeta, a principal não é revelada, a que consiste em fazer indiretamente denúncias, pois o profeta na Bíblia denunciava o pecado do povo.

Na segunda metade do século XIX com certeza ser profeta chamava muita atenção do público leitor, despertando-o para uma leitura atrativa, ainda mais em um país místico como o Brasil, principalmente o Estado do Rio de Janeiro, marcado por grandes influências do discurso religioso. Nesse contexto, quantos não desejam saber do seu futuro? Para isso muitas pessoas, em especial as mulheres da classe dominante, subiam os morros à procura das cartomantes para consultar seus interesses. Por isso então o uso da palavra profeta que seria muito bem compreendida e relacionada à figura de alguém que fazia denúncias. Mais uma vez o contexto histórico discursivo contribuindo para a construção de sentido. Para Travaglia:

O(s) efeito(s) de sentido produzido(s) por uma sequência linguística depende(m) também do(s) produtor(es) do texto e do(s) receptor(es) real(reais) ou pretendido(s). Eles são os sujeitos da interação comunicativa. Os sujeitos do discurso [...], não são tomados como elementos empíricos, mas como formações imaginárias, isto é, como imagens que a sociedade faz desses sujeitos dentro de sua formação histórica e ideológica, enquanto “posições de sujeito” ou “lugares sociais” [...] (TRAVAGLIA, 2000, p. 89)

Portanto, diante do explicitado percebe-se a agitação que o país vivia e que foi pano de fundo para muitas crônicas denunciativas de Machado de Assis. Em especial quando o assunto era abolição que para o literato significava grande agressão praticada contra os escravos, até porque ele era descendente de negro, criado em um ambiente simples e convivendo com o regime escravocrata que ainda subsistia vergonhosamente no Brasil. Para Brayner:

Os anos 80 e 90 encontraram sua política comentada por um observador sem partido mas hábil na arte de captar a interação de ideias e atos da época, transformando em imagens-matriz o grande relacionamento de vozes estridentes e reivindicatórias vindas de diversos setores da sociedade. (BRAYNER, 1992, p. 415)

Em um outro trecho da crônica em análise, destaca o narrador: “tanto que na segunda-feira, antes mesmo dos debates, tratei de alforriar um molecote que tinha, pessoa de seus dezoito anos, mais ou menos” (ASSIS, 1888). De tal modo, ao notar a maneira como o narrador expressa a idade do “molecote”, observa-se como os negros eram tratados como animais: “dezoito anos, mais ou menos”. Assim, o cronista deixa implícito

to certo ar de indiferença, evidenciada pela sua incerteza quanto à idade do menino.

Em seguida, o narrador declara que após realizar esse grande feito ofereceu um jantar para os amigos como sinônimo de comemoração da liberdade concedida a Pancrácio e que quando tomou essa decisão, seguiu os ensinamentos de Cristo.

No golpe do meio (*coup du milieu*, mas eu prefiro falar a minha língua), levantei-me eu com a taça de champanha e declarei que acompanhando as ideias pregadas por Cristo, há dezoito séculos, restituía a liberdade ao meu escravo Pancrácio; que entendia que a nação inteira devia acompanhar as mesmas ideias e imitar o meu exemplo; finalmente, que a liberdade era um dom de Deus, que os homens não podiam roubar sem pecado. (ASSIS, 1888)

Relacionar liberdade com a pessoa de Jesus Cristo foi uma maneira sutil encontrada pelo literato para declarar que a atitude praticada pelo narrador representava um ato Divino digno de ser seguido. Com isso, Machado de Assis pretende deixar bem claro para o leitor que a escravidão representava uma atitude abominável e que deveria ser extirpada daquele cenário, principalmente pelos seguidores de ensinamentos cristãos.

A sutileza encontrada para oferecer tal sugestão só foi possível de ser utilizada porque Machado de Assis sabia como ninguém trabalhar com as palavras, por isso então, ser apelidado de Bruxo do Cosme Velho¹⁰. Sobre o sentido das palavras Orlandi adverte:

[...] o sentido das palavras não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daquele que as empregam. Elas “tiram” seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formas ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. (ORLANDI, 1999, p. 43)

Em um distinto momento da narrativa, percebe-se uma “louvável” atitude do narrador, ele recebe em troca uma restituição carinhosa de Pancrácio: “Pancrácio, que estava à espreita, entrou na sala, como um furacão, e veio abraçar-me os pés” (ASSIS, 1888). Com essa atitude do “ex-escravo”, Machado quer nas entrelinhas revelar em seu discurso que a abolição não seria uma libertação, pois os negros continuariam escri-

¹⁰ É um estranho apelido de Machado de Assis que ganhou força quando Carlos Drummond de Andrade dedicou o poema “Ao Bruxo, com amor” ao referido autor, publicado em 1959 no livro “A vida passada a limpo”. Tal apelido se deve ao fato de Machado de Assis escrever textos mirabolantes, brincar com as palavras. E “Cosme Velho” era o nome do lugar onde o referido autor morava no Rio de Janeiro.

vos, abraçando os pés de seus senhores. Isso porque eles não foram preparados para serem “livres”. Ao passar esse momento, o narrador relata que chama seu “ex-escravo” com “rara franqueza”. Nesse sentido, o adjetivo “rara” antecedente do substantivo “franqueza” sugere que ele não era normalmente verdadeiro em suas palavras, e disse: “Tu és livre, podes ir para onde quiseres. Aqui tens casa amiga, já conhecida e tens mais um ordenado, um ordenado que [...]” (ASSIS, 1888).

Dessa forma, observa-se que ao mesmo tempo em que o narrador dá liberdade ao seu “ex-escravo”, sutilmente toma novamente de maneira manipuladora ao dizer que a casa era amiga e conhecida. É como se soltasse um passarinho que foi criado na gaiola e dissesse para ele: “se quiser pode ficar, mas cuidado, lá fora é perigoso, se ficar será retribuído”. Aqui está outra denúncia explícita, ao revelar o excesso de poder e manipulação vigente naquela ocasião, quando usava da fragilidade dos negros que temiam deixar as casas de seus senhores. Muitos que não ficavam nas casas de seus senhores, como também não tinham para onde ir, morreram de fome.

Na narrativa, a retribuição, o ordenado oferecido a Pancrácio estrategicamente não foi revelado de imediato para criar certo suspense, provocando assim uma reação no interlocutor, mas logo ele foi especificado, mesmo que meio incerto: “Pequeno ordenado, repito, uns seis mil-réis; mas é de grão em grão que a galinha enche o seu papo. Tu vales muito mais que uma galinha. Justamente. Pois seis mil-réis. No fim de um ano, se andares bem, conta com oito. Oito ou sete” (ASSIS, 1888). Com isso, Machado ironicamente demonstra em seu discurso que a abolição não seria suficiente para garantir a dignidade de um escravo alforriado, era preciso ainda oferecer salários dignos de um trabalhador para que eles pudessem conquistar autonomia e ser inseridos na sociedade como cidadãos.

Essa visão é corroborada por Moura (2007, p. 72) ao evidenciar que “Embora alforriado, Pancrácio permanece dependente economicamente de seu senhor até porque poderá andar livremente, embora sua liberdade esteja atrelada aos limites da sua algibeira e de seu ordenado de seis mil reis”. Portanto, a expressão “se andares bem”, significa, se obedecer. Nesse sentido, o que aconteceria era que Pancrácio deveria permanecer escravo, passivo às ordens e maus tratos de seu senhor/patrão. No fragmento se lê:

Pancrácio aceitou tudo; aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por me não escovar bem as botas; efeitos da liberdade. Mas eu ex-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

pliquei-lhe que o peteleco, sendo um impulso natural, não podia anular o direito civil adquirido por um título que lhe dei. Êle continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos. (ASSIS, 1888)

Dessa maneira, mesmo livre, mas por causa do “mau humor” do patrão, as agressões físicas continuaram. Com isso Machado denuncia a falta de respeito, as injustiças sociais com relação aos escravos. Assim sendo, o narrador acrescenta:

Tudo compreendeu o meu bom Pancrácio; daí pra cá, tenho-lhe despedido alguns pontapés, um ou outro puxão de orelhas, e chamo-lhe bêsta quando lhe não chamo filho do diabo; cousas tôdas que êle recebe humildemente, e (Deus me perdoe!) creio que até alegre (*Sic*). (ASSIS, 1888).

Ainda ressalta Moura:

Porém, em 19 de maio de 1888, temos uma pseudo-proposta de nova atitude, pois, na verdade, tudo continuará igual. O narrador em seu discurso revela que continuará a desferir petelecos, puxões de orelha, pontapés em Pancrácio, acrescidos dos insultos de besta e filho do diabo. (MOURA, 2007, p. 73)

De tal modo, com a passividade de Pancrácio descrita no trecho, apreende-se que ele não sabia o que era ser livre. E as atitudes agressoras que ele recebia, tanto verbalmente quanto fisicamente, não permitiam que acordasse para sua nova realidade. O pronome “meu” expresso no fragmento supracitado reforça essa tendência. Adverte outra vez Moura:

O tom galhofeiro e leve que Machado utilizou ao longo do texto nos dá a sensação de que o próprio comportamento de desprezo pelo escravo e, ao mesmo tempo, reforço da ideologia paternalista dos senhores resultam na relação dependente senhor/alforriado (ex-escravo). Isto é, embora em tese Pancrácio seja um homem livre, ele ainda tem na sua retaguarda um senhor que poderia monitorar seus passos, suas atitudes e, mais ainda, julgá-lo na antiga perspectiva de senhor de escravo. (MOURA, 2007, p. 73)

E para finalizar a crônica, o literato faz uma crítica aos falsos abolicionistas com o intuito de persuadir pela linguagem o interlocutor e convencê-lo de que os donos de escravos que fossem “puros e verdadeiros políticos” deveriam seguir o exemplo dele:

... que os homens puros, grandes e verdadeiramente políticos, não são os que obedecem à lei, mas os que se antecipam a ela, dizendo ao escravo: *ês livre*, antes que o digam os poderes públicos, sempre retardatários, trôpegos e incapazes de restaurar a justiça na terra, para satisfação do céu. (ASSIS, 1888)

Conforme Fiorin:

A finalidade última de todo ato de comunicação, não é informar, mas persuadir o outro a aceitar o que está sendo comunicado. Por isso, o ato de comunicação é um complexo jogo de manipulação com vistas a fazer o enunciatório crer naquilo que se transmite. Por isso, ele é sempre persuasão. (FIORIN, 2008, p. 75)

Do mesmo modo, em todo decorrer do texto observa-se Machado disfarçando as opiniões por meio de um narrador personagem no qual ele utiliza como boca, sempre com ironia sem a qual ele praticamente não sabe esconder e às vezes através de alegorias, que pedem um tipo de leitura proficiente, na qual a crítica do período não estava acostumada. Como ressalta Koch e Travaglia citados por Mussalin e Bentes:

Quase todos os textos que lemos ou ouvimos exigem que façamos uma série de inferências para podermos compreendê-lo integralmente. Se assim não fosse, nossos textos teriam que ser excessivamente longos para poderem explicar tudo o que queremos comunicar. Na verdade é assim: todo texto assemelha-se a um *iceberg* - o que fica a tona, isto é, o que é explicado no texto, é apenas uma parte daquilo que fica submerso, ou seja, implícito. Compete, portanto, ao receptor ser capaz de atingir os diversos níveis de implícito, se quiser alcançar, uma compreensão mais profunda do texto que ouve ou lê. (MUSSALIN; BENTES, 2001, p. 266-267)

Logo, constata-se que o discurso Machadiano apresenta mensagens linguísticas com graus diferentes de explicitude que não podem ser previstos apenas com base no sentido literal. Dessa forma, as mensagens linguísticas se manifestam de forma implícita ou explícita.

3.3. A semana – 10 de julho de 1892

O assunto predominante nessa crônica publicada no jornal “A Semana”, datada 10 de julho de 1892, está relacionado com a problemática vivida nas antigas províncias de São Pedro, que na época já se chamava Rio Grande do Sul e do Estado de São Paulo. Contudo para não deixar tais referências explícitas na crônica, Machado de Assis utiliza esses intertextos bíblicos, comparando as situações de conflitos entre as duas províncias com os problemas doutrinários existentes entre os apóstolos Pedro e Paulo que foram narrados nas Escrituras Sagradas.

A pretensão do literato de não dizer tais informações às claras provavelmente esteja relacionada à preocupação de alguma repreensão política na ocasião. Para tanto, Machado de Assis deixa registrada em crônicas informações implícitas, cabendo ao leitor o exercício de desvendá-las. Na prática discursiva, Ilari define mensagens implícitas:

Podem ser consideradas implícitas todas as informações que uma sentença vincule, sem que o falante se comprometa explicitamente com sua verdade. Essas informações precisam ser “inferidas” a partir da sentença por meio de algum raciocínio que parte da própria sentença. (ILARI, 2006, p. 85)

Por conseguinte, esses conflitos ocupavam os noticiários no Rio Grande do Sul, onde havia guerra civil, fruto de uma instabilidade política gerada pelos federalistas. E em São Paulo, onde intensificava as agitações provocadas pela liberação da entrada de imigrantes, em sua maioria Italiana, para trabalharem nas lavouras de café e também aumentavam as insatisfações com questões voltadas para abolição dos escravos. Para o narrador da crônica, essa exclusividade que girava em torno de tais assuntos, sem que as verdades fossem esclarecidas, trazia-lhe certo incômodo e desejo de uma reação brusca, porém, necessária:

Eu, quando vejo um ou dois assuntos puxarem para si todo o cobertor da atenção pública, deixando os outros ao relento, dá-me vontade de os meter nos bastidores, trazendo à cena tão-somente a arraia-miúda, as pobres ocorrências de nada, a velha anedota, o sopapo casual, o furto, a facada anônima, a estatística mortuária, as tentativas de suicídio, o cocheiro que foge, o noticiário, em suma. (ASSIS, 1892)

Essa conduta é produzida pelo senso de justiça do cronista que não lhe permitia ver determinadas situações acontecerem às escondidas e não denunciar. O que ocorria era uma massificação apenas desses conflitos, enquanto as outras problemáticas ficavam encobertas: “É que eu sou justo, e não posso ver o fraco esmagado pelo forte. Além disso, nasci com certo orgulho, que já agora há de morrer comigo. Não gosto que os fatos nem os homens se me imponham por si mesmos. Tenho horror a toda superioridade” (ASSIS, 1892).

Dessa forma, Machado nas entrelinhas e com uma linguagem particular, carregada de significados, descreve a forma como ele avaliava o que ocorria naquele momento, tanto no Rio Grande do Sul quanto em São Paulo, onde na verdade os fortes são os que estavam no poder, ao exercerem de uma forma injusta e autoritária, de maneira que massacrasses os mais fracos. Tomavam decisões que beneficiavam a minoria, que era a classe dominante. Por outro lado, suprimiam a maioria, que era representada pela classe subalterna. A respeito dessa estratégia do autor, Koch evidencia que:

Os objetivos discursivos a que o texto faz referência são apresentados em grande maioria de forma lacunar, permanecendo muita coisa implícita. O produtor do texto pressupõe do leitor/ouvinte conhecimentos textuais, situacionais, e enciclopédico e, orientando-se pelo *Princípio da Economia*, não explica as informações consideradas redundantes. Ou seja, visto

que não existem textos totalmente explícitos, [...]. Na verdade, é este o grande segredo do locutor competente. (KOCH, 2003, p. 25)

Mesmo impedido de falar, Machado não se aguenta e por intermédio de recursos discursivos utilizados pelo cronista, habilmente denuncia através do narrador: “Ouvi que na câmara surdiu divergência entre a maioria e a minoria, por causa da anistia. A questão rimava nas palavras, mas não rimava nos espíritos. Daí, confusão, difusão, abstenção. Dizem que um jornal chamou ao caso um beco sem saída” (ASSIS, 1892). Logo, o relato do narrador no fragmento acima é referente a um problema ocorrido e que não agradou a muita gente, por isso: “não rima nos espíritos”. Tal expressão foi usada como se a confusão contada na crônica não trouxesse harmonia entre os presentes que participaram da reunião na câmara.

A expressão “beco sem saída”, de certa forma é utilizada com tom de brincadeira nesse trecho, mas também transfere uma ideia irônica de que para tudo dá-se um jeito, principalmente quando a notícia denigre a moral da classe que está no poder: “[...] mas um amigo meu (pessoa dada a aventuras amorosas) diz-me que todo beco tem saída; em caso de fuga, salta-se por cima do muro, trepa-se ao morro próximo, ou cai-se do outro lado. Coragem e pernas. Não entendi nada.” (ASSIS, 1892). Sendo assim, em relação a Machado de Assis, adverte Brayner (1992, p. 412): “[...] o historiador da cidade torna-se o ficcionista da trama das relações semânticas e sintáticas. [...] tudo com o mesmo ar ‘brincalhão’ e ‘cético’ que soube imprimir ao folhetim” (ASSIS, 1892). Com isso, observa-se como as palavras ganham sentido nas mãos do referido cronista dentro no processo de formação discursiva. Em relação à construção de sentido, Orlandi quando cita Pêcheux declara:

O sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição por uma outra palavra, uma outra expressão ou proposição; e é por esse relacionamento, essa superposição, essa transferência (*metaphora*), que elementos significativos passam a se confrontar, de como que se revestem de um sentido. (ORLANDI, 1999, p. 44)

Em seguida o narrador fala de loteria, bilhetes. Por intermédio desses termos, em uma linguagem polissêmica, ele parece se referir aos jornais da época, aos escritores e a censura da imprensa. Então, declara: “Assim é que, por telegrama, sabe-se aqui haver o governador de um estado presidido à extração da loteria. A princípio, cuidei que seria para dignificar a loteria; depois, supus que o ato fora praticado para o fim de inspirar confiança aos compradores de bilhetes.” (ASSIS, 1892). Assim o literato antes de termina a crônica, com a mesma intenção anterior, leva o

interlocutor a penetrar em sua construção discursiva para descobrir que ele escrevia por pseudônimos para não ser censurado: “Desconfiam que não ponho o selo integral aos meus papéis: é verdade (e não sou único)” (ASSIS, 1892).

Além de escrever e utilizar pseudônimos, Machado está sempre os mudando: “[...] mas, além de que revalido sempre o selo, quando é necessário levar os papéis a juízo, a quem prejuízo eu, tirando ao Estado?” (ASSIS, 1892). Portanto, essa era uma forma de escrever, denunciar, sem ser descoberto. Para tanto, Machado utilizou vários pseudônimos. Segundo Brayner (1992, p. 408) “Nesse trânsito por jornais da mais variada tonalidade, Machado excedeu-se no uso constante de pseudônimos, uma das características do jornalismo da época. Foi Lara, Lélío, Malvólio, Job, Eleazar, Sileno, entre outros [...]”. Dessa forma, apesar das desconfianças, como não se tinha como provar nada pela astúcia do cronista, ele não se importava: “Pois desconfiam de mim! São capazes de desconfiar do diabo”. (ASSIS, 1892).

E já no final da crônica, para interromper a produção do texto, com o objetivo de não falar em demasia, encerra: “Creio que começo a escrever no ar e [...]” (ASSIS, 1892). Diante disso, o cronista deixa para o interlocutor o papel de completar o restante do texto, construindo novos sentidos. Isso é confirmado pelo sinal de pontuação usado (reticências), ao significar que ainda há ideias para serem expressas, porém que ficariam no universo discursivo dos não ditos. Então o narrador se silencia. Porém, deve-se levar em consideração que o silêncio também é uma forma de discurso. Orlandi (1992) chama-o de “silêncio imposto”, no qual o regime proíbe certas palavras para se proibir certas construções de sentidos. Contudo, cabe ressaltar que esse silêncio não pressupõe ausência de comunicação, porque o silêncio quase sempre quer dizer algo.

4. Considerações finais

Diante do estudo realizado, percebeu-se que a crônica, é um instrumento de intervenção na sociedade. Foi por intermédio de crônicas que Machado denunciou a permanência dos maus tratos em relação aos negros após a abolição. De tal modo, infere-se que a crônica é um relato fiel às circunstâncias onde todos os elementos tornam-se importantes para transformar o texto em uma unidade significativa.

A gênese da crônica implica conhecimento histórico, seu nascimento está ligado ao folhetim, compreendido aqui como um espaço que

abriga uma série de textos voltados ao entretenimento. A terminologia crônica durante esse período esteve associada a escritos sobre os mais variados assuntos, da política ao teatro, dos eventos sociais aos esportivos, dos acontecimentos do dia a dia ao mundo íntimo de cada autor. Essa miscelânea temática talvez possa ser explicada pelo fato dela ser publicada em um espaço destinado a variedades. A crônica por ser um texto leve, de expressão do cotidiano, tornou-se de fácil adesão ao jornal, era chamada de rodapé. Assim, com a evolução da crônica o folhetim passa a ser seu espaço.

Joaquim Maria Machado de Assis escreveu crônicas fazendo uso de sua grande habilidade de trabalhar com as palavras, ao ultrapassar os limites da censura, sem perder de vista o que pretendia denunciar. Sendo assim, fica evidente por meio da construção de sentido, que o cronista nunca foi omissivo nem passivo frente às injustiças sociais do seu tempo. Logo, acredita-se que a crônica informa muito mais do que as palavras possam traduzir. Através do contexto histórico discursivo, do intertexto e de outros elementos da AD que não foram utilizados aqui, verifica-se que esse gênero textual vai além do arranjo de palavras. Por conseguinte, pode-se dizer que o texto é uma atividade intencional e se desenvolve por meio de uma prática discursiva interacionista, pois o cronista esteve com frequência dialogando com o leitor, buscando uma relação de intimidade, mas também cumplicidade.

O *corpus* deste trabalho privilegiado para apreciação se constituiu de três crônicas. Na primeira, o autor desperta o leitor para a importância desse gênero, pois Machado esperava que os textos dele mexessem com a estrutura social de sua época por intermédio de denúncias. Já na segunda, o literato de forma ficcional denuncia as injustiças sociais contra os escravos, mesmo depois da abolição. Enquanto que na terceira, Machado se encontra indignado com a problemática que ocupava os jornais, deixando de lado outros problemas que também mereciam atenção. Dessa maneira, construíram-se as análises.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado. Obra Completa. Disponível em: <encurtador.com.br/DLV02>. Acesso em: 10 de ago. 2019.

BRAYNER, Sonia. Machado de Assis: um cronista de quatro décadas. In: CANDIDO, Antonio *et al.* *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

transformações no Brasil. Campinas-SP: Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e Ideologia*. 3. ed. São Paulo: Ática S.A., 1993. (Princípios)

_____. *Elementos de Análise do discurso*. 14. ed., 1. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

ILARI, Rodolfo. Implícito I e II. In: *Introdução à Semântica: brincando com a gramática*. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 85-100

KOCH, Ingedore Villaça. *Desvendando os sentidos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. *O texto e a construção de sentido*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MOURA, Eloisa da Silva. *Novos olhares, novas leituras das crônicas de Machado de Assis e de Carlos Drummond de Andrade*. 2007. Tese. (Doutorado em Teoria da Literatura) – Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 10 de Janeiro 2016. Disponível em: < encurtador.com.br/kGMU2>. Acesso em: 10 de ago. 2019.

MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. Análise do Discurso. In: *Introdução à Linguística: domínio e fronteiras*. v. 1. São Paulo: Cortez, 2001. p. 245-85

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1987.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas-SP: Unicamp, 1992.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1999.

_____. *Discurso e Leitura*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

TEIXEIRA, Tattiana. *A crônica política no Brasil – um estudo das características e dos aspectos históricos a partir da obra de Machado de Assis, Carlos Heitor Cony e Luis Fernando Veríssimo*. Disponível em: <encurtador.com.br/amvBG>. Acesso em: 15 de ago. 2019.

TRAVAGLIA. O texto e o discurso. In: *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. 5. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2000. p. 89